

# OS ANTECEDENTES DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO ENTRE OS PROTESTANTES BRASILEIROS: a presença de Richard Shaull no Brasil

*THE ANTECEDENTS OF LIBERATION THEOLOGY AMONG  
PROTESTANTS BRAZILIANS: the presence of presbyterian missionary Richard Shaull*

*Marcio Gimenes de Paula<sup>(\*)</sup>*

## RESUMO

O objetivo do presente artigo é investigar os antecedentes da Teologia da Libertação entre os protestantes brasileiros, notadamente através da presença do missionário presbiteriano Richard Shaull (1920-2002) no Brasil dos anos 60 do século passado. Seu legado foi importante para toda uma geração de brasileiros e decisivo na formação da chamada Teologia da Libertação, em geral mais identificada, posteriormente, com a Igreja Católica. Desse modo, o intuito do presente trabalho é mostrar que tal teologia também teve impacto entre os protestantes e foi marcante para toda uma geração de ministros e leigos, a despeito de ter sido abortada tanto pelo Golpe Militar de 1964 como pela reação conservadora do próprio protestantismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cristianismo. Igreja. Política. Teologia. Teologia da Libertação.

## ABSTRACT

*The aim of this paper is to investigate the antecedents of liberation theology among Protestants Brazilians, notably through the presence of presbyterian missionary Richard Shaull (1920-2002) in Brazil 60s of last century. His legacy was important to a whole generation of Brazilians and was instrumental in the formation of so-called liberation theology more generally identified later with the Catholic Church. Thus, the aim of this paper is to show that such a theology also had an impact among Protestants and was remarkable for an entire generation of ministers and laymen, despite having been aborted by both the military coup of 1964 as a reaction by conservative Protestantism's own*

**KEYWORDS:** *Christianity. Church. Politics. Theology. Liberation Theology.*

---

<sup>(\*)</sup> Doutor em filosofia pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Fez sua graduação em teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Independente. Atualmente é professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília – UnB e do Programa de Pós-graduação em Filosofia do mesmo departamento. Desenvolve pesquisas sobre Filosofia da Religião, Kierkegaard e cristianismo. **E-mail:** [marciogimenes@unb.br](mailto:marciogimenes@unb.br)

## 1 INTRODUÇÃO

Primeiramente, penso que cabe uma explicação sobre o motivo de abordar a obra do missionário Richard Shaull num evento destinado a lembrar a memória e o legado de Frei Mateus da Rocha, pioneiro da UnB<sup>1</sup>. Tal decisão ocorreu ao ler o livro *Frei Mateus Rocha um homem apaixonado pelo absoluto*<sup>2</sup>. No artigo *Itinerário de Frei Mateus Rocha*, de autoria de Eliseu Lopes, há a seguinte passagem:

*O interesse pela missão indigenista levou Frei Mateus a entrar em contato com o antropólogo Darcy Ribeiro, nomeado reitor da Universidade de Brasília com a missão de implantar na nova capital não uma nova universidade, mas uma 'universidade nova', que, no plano cultural, era algo de tão novo e revolucionário quanto a ousada arquitetura de Oscar Niemeyer. No projeto da UnB estava previsto o Instituto Teológico, de caráter ecumênico, que devia ser um importante centro de pesquisa teológica. Darcy viu em Frei Mateus a pessoa talhada para organizar e dirigir esse Instituto. Convidou-o enfatizando a importância de tal empreendimento. Frei Mateus se entusiasmou. Conversou com os amigos, consultou alguns teólogos de peso, como o presbiteriano Richard Shaull, começou a esboçar os seus planos e apresentou o problema ao Conselho da Província (POLETTO, 2003, 40).*

Em outras palavras, Shaull parece gozar de grande respeito no nascente diálogo entre os católicos e os protestantes no Brasil e, não fortuitamente, o dominicano Mateus o procura como parceiro para as primeiras discussões acerca do Instituto de Teologia da nascente Universidade de Brasília. Infelizmente, e por uma série de contingências, o Instituto de Teologia da UnB nunca saiu dos planos, mas tal afirmativa de Lopes demonstra um pouco do diálogo ecumênico e da época e nos chama a atenção para a figura desse missionário norte-americano. Mais interessante ainda é descobrir que Richard Shaull também relata tal experiência e igualmente se entusiasma pela possibilidade de um Instituto de Teologia em Brasília:

*Todos esses acontecimentos abriram um novo mundo em minha vida, a ponto de constituírem um ponto decisivo em minha vocação. Resultaram num convite dos Dominicanos para lecionar com eles numa faculdade de Teologia que se planejava instalar na Universidade de Brasília. Se este projeto tivesse sido concretizado, a história da minha vida nos últimos quinze anos teria sido muito diferente” (SHAULL, 1985, 206).*

<sup>1</sup> Tal artigo foi, originariamente, uma palestra apresentada no evento “Frei Mateus Rocha, pioneiro da UnB”, ocorrido no dia 24.09.2012, na Universidade de Brasília.

<sup>2</sup> POLETTO, Ivo (org.). *Frei Mateus da Rocha um homem apaixonado pelo absoluto*. 2003: Loyola, S.Paulo.

Desse modo, meu recorte explicativo para este artigo busca avaliar os antecedentes da Teologia da Libertação entre os protestantes brasileiros e, por isso, a presença de Richard Shaull no Brasil dos anos 60 espelha, com absoluta clareza, tal teologia – que sequer ainda havia nascido- e o contexto social e político brasileiro daquele período. Para melhor abordagem do tema, divido o meu trabalho em três partes principais: O impacto da obra de Richard Shaull entre a juventude protestante, A Educação Teológica com Richard Shaull e Richard Shaull como testemunha do movimento ecumênico.

### O IMPACTO DA OBRA DE RICHARD SHAULL ENTRE A JUVENTUDE PROTESTANTE

Richard Shaull chegou ao Brasil em 1952, após alguns anos de trabalho como missionário na Colômbia. Cabe ressaltar que ele, antes da sua formação teológica, teve uma formação em Sociologia, o que parece ter marcado profundamente sua vida e seu modo de compreender a própria Teologia. Aliás, tal coisa parece significativa: a troca da Filosofia, antigo auxílio para a Teologia, pela Sociologia. Tal posicionamento, notadamente num tempo de profundas mudanças sociais, vai se tornar uma característica marcante de todo o fazer teológico latino-americano<sup>3</sup> Sua experiência colombiana o colocou em contato direto com a pobreza e a injustiças sociais tão características da América Latina. Contudo, foi sua experiência no Brasil que parece ter despertado mais claramente sua consciência política e o ajudado a fazer, ao menos em parte, a autocrítica de quanto tais desigualdades se dão, em grande parte, por culpa da política externa norte-americana, tal como ele aponta no seu artigo de memórias *Entre Jesus e Marx: reflexões sobre os anos que passei no Brasil*: “Por ocasião da minha chegada ao Brasil, sabia o que o poder dos Estados Unidos estava causando na América Latina e até que ponto o movimento missionário protestante era parte dessa dominação. Tinha uma vaga idéia do enorme problema

---

<sup>3</sup> Tal tese, por exemplo, será categoricamente defendida pelo teólogo católico Clodovis Boff, anos mais tarde, em seu trabalho *Teologia e Prática – teologia do político e suas mediações*. BOFF, Clodovis. *Teologia e Prática – teologia do político e suas mediações*. 1978. Vozes: Petrópolis. Contudo, ela é, ao mesmo tempo, profundamente discutível. Afinal, junto com a recusa da mediação filosófica, a Teologia parece ter empobrecido sua discussão e, além disso, não parece ter compreendido a Filosofia dentro de um escopo maior e, segundo avaliamos, recusar um dado tipo de Filosofia não deveria equivaler a recusar a Filosofia.

que isso criara para um relacionamento autêntico entre brasileiros e norte-americanos” (SHAULL, 1985, 189) <sup>4</sup>.

Shaull encontrou, por ocasião de sua chegada ao Brasil, uma juventude protestante apática e cansada. Apática porque a igreja não a satisfazia mais e os dogmas tão antigos pareciam não ter mais sentido algum num mundo em profundas mudanças. Cansada, pois esta juventude não suportava mais ouvir as mesmas coisas. Era um período absolutamente cheio de significado, período de pós-guerra, de guerra fria e, por outro lado, a instituição religiosa parecia viver como se nada disso existisse.

Em pouco tempo, a mocidade presbiteriana parece enxergar na figura de Richard Shaull um modelo de uma fé mais contextualizada. Os jovens produziam na época um jornal intitulado *Mocidade* e Shaull torna-se seu assíduo colaborador, participando também de inúmeros congressos de mocidade como o de Curitiba, em 1962, e o de Salvador, em 1956. O jornal *Mocidade* era tão inovador para os padrões da época que chega ser cassado pela direção da Igreja, pois parecia ousado demais para a moral protestante vigente. Nele podemos encontrar nele afirmações exemplares, tal como aponta João Dias de Araújo:

*Esse golpe contra a jovem imprensa presbiteriana foi uma reação às declarações ousadas e verdadeiras que culminaram com o número de junho de 1960. Para dar apenas um exemplo desse número: o jovem Paulo Wright escreve o artigo ‘O Senhor do Mundo’, no qual tratou da ação de Cristo na Igreja e no mundo e a conseqüente liberdade para o cristão testemunhar. No final do artigo declarou: ‘O problema não é mais se dançar ou não dançar, se fumar ou não fumar é pecado, pois sendo Jesus nosso Senhor, estas coisas não têm mais poder sobre nós’ (Mocidade, junho de 1960). Essa e outras declarações abalaram os alicerces da velha ênfase da pregação moralista da Igreja. Não podiam ser lidas pelos crentes de uma grei de um século de vida eclesiástica (ARAÚJO, 2002, 40).*

Por isso, os jovens também serão vítimas do golpe conservador dentro da igreja e dentro da política brasileira. A Igreja Presbiteriana chega, nesse período, a extinguir a sua confederação de mocidade na medida em que não consegue mais tê-la sob o seu controle e seu jornal deixa de ser publicado e a diretoria dos jovens da igreja é desfeita. Dentre os jovens destacados do período, podemos elencar o já citado Paulo Stuart Wright, irmão do reverendo Jaime Wright, ambos tiveram atuação marcante nos anos de ditadura militar.

<sup>4</sup> Tal artigo é fundamental para compreender o trabalho de Shaull no Brasil, bem como o seguinte livro de memórias. *Entre Jesus e Marx: reflexões sobre os anos que passei no Brasil* in SHAULL, Richard. 1985. *De dentro do furacão*. CEDI: São Paulo, p. 25-32. SHAULL, Richard. 2003. *Surpreendido pela graça*. Record: Rio de Janeiro.

Paulo foi deputado estadual em Santa Catarina nos anos de legalidade e, já na clandestinidade foi ligado à Ação Popular (AP), desaparecendo nos porões da tortura militar; Jaime Wright foi efetivo colaborador, junto com Dom Paulo Evaristo Arns, então cardeal e arcebispo de São Paulo, do projeto *Brasil Nunca Mais* e, juntamente com ele fez uma dos primeiros inventários sobre as vítimas do regime militar<sup>5</sup>. Élder Dias Maciel, outro do grupo da mocidade presbiteriana, teve, juntamente com Waldo César, destaque na sociologia brasileira, notadamente na sociologia da religião; Billy Gammon, figura célebre, filha de missionários norte-americanos, foi a primeira líder da União de Mocidade da Igreja Presbiteriana, mulher de destaque no seu tempo não somente na vida eclesiástica como na vida cultural e política do Brasil. Foi professora da UnB e cassada pelos militares depois de 1964, morre em circunstâncias trágicas e suspeitas em 1974, em Brasília<sup>6</sup>.

Além do trabalho junto aos jovens presbiterianos, Shaull atua fortemente junto à União Cristã de Estudantes do Brasil (UCEB), juntamente com Jorge César Motta. Tal trabalho era extremamente interessante na medida em que reunia jovens universitários e discutia a vida estudantil e o mundo da época à luz da fé e da Bíblia. Na época em que prestou assessoria à UCEB, Shaull foi vice-presidente da Universidade Mackenzie, em São Paulo que depois, de maneira triste, seria marcada por aliar-se fortemente ao regime militar e, inclusive, abrigar dentro dos seus domínios grupos de extrema direita como o CCC (Comando de Caça aos Comunistas).

### 3 A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA COM RICHARD SHAULL

Nos seus primeiros anos de Brasil, Shaull vai trabalhar, a princípio, com os estudantes no Rio de Janeiro. Contudo, devido a sua formação acadêmica privilegiada uma nova possibilidade de trabalho é aberta: O Seminário Presbiteriano de Campinas. Ali, podemos dizer, ocorre uma de suas influências mais marcantes e, nesse contexto, penso que podemos compreender quando Rubem Alves, um de seus mais célebres ex-alunos, chega a intitulá-lo de “patriarca de uma geração” (SHAULL, 1985, 24).

<sup>5</sup> Delora, Van Wright. 1993. O coronel tem um segredo: Paulo Wright não está em Cuba. Vozes: Petrópolis.

<sup>6</sup> SINNER, Rudolf Von; WOLFF, Elias e BOCK, Carlos Gilberto. 2006. *Vidas Ecumênicas*. Editora Sinodal: São Leopoldo, p. 25-40, artigo *Willie Humphreys (“Billy”) Gammon* de Elinete Wanderlye Paes Miller.

Até a chegada de Richard Shaull ao Brasil, e seu efetivo trabalho como professor no Seminário Presbiteriano de Campinas, aquele local não passava de um mero centro para a formação de pastores sem nenhuma preocupação acadêmica mais relevante.

Tal instituição tinha um perfil claramente fundamentalista e a teologia ali ensinada era uma mera cópia de manuais calvinistas como Hong e Strong. Além disso, textos de evangelistas como Stanley Jones eram igualmente comuns. Com sua chegada foram introduzidos autores como Paul Tillich, Karl Barth, Emil Brunner, Rudolf Bulltman, Richard Niebuhr e Dietrich Bonhoeffer, dentre tantos outros autores, tal como aponta o próprio Shaull<sup>7</sup>.

Tal atitude provoca uma confusão na cabeça dos seminaristas e uma reação conservadora dentro da própria denominação. Afinal, todas as certezas de outrora parecem ser agora firmemente questionadas e jovens, até então meramente treinados para serem bons pastores e administradores de paróquias, recebem agora informações sobre a teologia mais recente, sobre política e sobre o mundo onde vivem, começando todos a se perguntar sobre o que, de fato, significava ser cristão em tal contexto e qual testemunho é exigido de sua parte. Por isso, o trabalho de Shaull ajuda na formação de uma geração de pensadores humanistas que, nem sempre, permaneceram nos arraiais eclesiais.

Segundo Antônio Gouvêa Mendonça, célebre estudioso do protestantismo brasileiro, o trabalho do missionário foi uma espécie de divisor de águas na educação teológica protestante e mesmo na práxis das igrejas:

*Richard Shaull, além de levar a chamada teologia moderna para o ambiente em que atuava, ele mesmo passou a pôr em prática uma teologia da ação e no estilo aberto e ecumênico. Shaull aponta para a natureza dinâmica de Deus e para o fato de que sua atividade na história estava prosseguindo rumo a um alvo. Essa postura de Shaull foi logo vista como uma crítica e um desafio às igrejas para que saíssem da inércia e do conformismo e tomassem parte e responsabilidade diante de um mundo em mudança. Passou a ser incômodo (MENDONÇA, 2005, 60)<sup>8</sup>.*

Infelizmente, tanto por conta da reação conservadora e fundamentalista interna no seio da Igreja Presbiteriana, como também pelo próprio fechamento político do Brasil a partir de 1964, o Seminário Presbiteriano de Campinas

---

<sup>7</sup> *Entre Jesus e Marx: reflexões sobre os anos que passei no Brasil* in SHAULL, Richard. 1985. *De dentro do furacão*. CEDI: São Paulo, p. 25-32.

<sup>8</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas In *REVISTA USP*, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro 2005.

transforma-se de um centro de vigor teológico, vigor esse adquirido depois da chegada de Shaull e do trabalho de outros mestres, para se transformar numa espécie de instituto bíblico totalmente sob o controle institucional. João Dias de Araújo chega até mesmo a citar a grande quantidade de professores e alunos expulsos no período tenebroso da história<sup>9</sup>.

#### 4 RICHARD SHAULL COMO TESTEMUNHADO MOVIMENTO ECUMÊNICO

O teólogo Júlio de Santana considera Richard Shaull como um dos pioneiros do movimento ecumênico na América Latina e no Brasil<sup>10</sup>. Seu ministério aponta para suas profundas convicções ecumênicas e, durante sua estadia em nossa pátria, destacam-se profundamente o seu intercâmbio com os dominicanos e projetos extremamente avançados, como um projeto missionário entre os operários da Vila Anastácio, em São Paulo. Devido ao seu contato com os frades dominicanos, ele torna-se o primeiro professor de um seminário protestante a dialogar com católicos. A incipiente tradição protestante brasileira ainda julgava que ser protestante no Brasil era, acima de tudo, ser anticatólico. Em muitos lugares do nosso imenso país, ocorreram perseguições aos protestantes e o acirrado debate entre católicos e protestantes ainda se configura como uma marca distintiva do ser protestante. Inspirado por sua convicção ecumênica, mas também ainda pelos ventos que antecediam o Concílio Vaticano II, Shaull acaba por se tornar pioneiro numa área praticamente inexplorada e incompreendida. Exemplo disso é quando ele relata, ainda nos tempos da UCEB, a aproximação de um frade dominicano junto ao grupo: “Frei Paulo veio e ficou. Ele ganhou a nossa confiança e relatou-nos que a sua presença na UCEB não apenas tinha sido aprovada pela Ordem, mas era muito importante para os seus confrades. Nós o convidamos a falar sobre o pensamento católico francês na época. Ele nos convidou para uma visita ao Convento” (SHAULL, 1985, 206). Tal posição vai lhe custar muito caro na relação com a política eclesiástica da Igreja Presbiteriana do Brasil.

<sup>9</sup> ARAÚJO, João Dias. 1982. *Inquisição sem fogueiras: vinte anos de história da Igreja Presbiteriana do Brasil*. ISER: Rio de Janeiro.

<sup>10</sup> Tal tese é claramente explicitada no artigo *A Richard Shaull: teólogo e pioneiro ecumênico- um testemunho reconhecido* e pode ser encontrado na obra: SHAULL, Richard. 1985. *De dentro do furacão*. CEDI: São Paulo.

Ele toma parte ativamente na 2ª Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas em Evanston (1954) e na Conferência Mundial de Teologia em Estrasburgo (1960), bem como colabora com as atividades do ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina), da CEB (Confederação Evangélica Brasileira) e da UCEB (União Cristã dos Estudantes do Brasil). Aliás, o setor de responsabilidade social da Confederação Evangélica Brasileira era fortemente influenciado pelas idéias de Shaull e do movimento ecumênico. Tal grupo produziu a destacada e polêmica conferência do Nordeste, que intitulava-se *Cristo e processo revolucionário brasileiro*, evento este ocorrido no Recife em 1962, ou seja, no auge de tal debate e num contexto absolutamente significativo. Já o grupo de Igreja e Sociedade caminhava claramente numa linha teológica e ecumênica. Desses grupos podemos ainda citar a contribuição fundamental de Shaull para a antiga *Revista Paz e Terra*, que era basicamente ecumênica e humanista. Tal revista foi censurada pela ditadura após três anos de sua existência, mas dela originou-se a editora desse mesmo nome que permanece até os dias atuais. Deste embrião surgiu ainda o CEI (Centro Ecumênico de Informação), que logo depois se tornou CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) e hoje chama-se Koinonia – presença ecumênica. Data desse mesmo período o surgimento do ISER (Instituto Superior de Estudos da Religião), primeiramente na cidade de Campinas e logo depois no Rio de Janeiro, onde até hoje permanece. Alguns dos ex-alunos de Shaull foram os fundadores do ISER.

## 5 CONCLUSÃO

Shaull chega ao Brasil nos anos 60 muito mais do que para apontar para uma revolução que, segundo sua interpretação, estava ocorrendo. Antes ele toma parte ativa em tal processo. Seus artigos e sua atuação testemunham claramente tal coisa. Neles é possível encontrar a discussão sobre a pobreza da América Latina, as desigualdades e as condições pré-revolucionárias de tal situação. Com tal constatação parecia não haver outra saída: a igreja devia tomar parte ativa na revolução que estava em curso.

A Teologia da Revolução é, dessa forma, o momento primordial daquilo que hoje denominamos de Teologia da Libertação. Sua função é exatamente essa: ela prepara o terreno para a Teologia da Libertação. Tal posição é ainda bastante marcada pela Teologia do Evangelho Social e pela doutrina cristã do amor, como podemos perceber no texto do próprio Richard Shaull:

*Todo cristão está sob o imperativo do amor. O mandamento ético supremo do Evangelho é: - Amai aos outros como Jesus vos amou. Mas o que significará expressar amor em nosso mundo moderno?... Se eu amo os homens que estão morrendo de fome, preciso de lhes dar o pão que necessitam e algo mais do que o pão! O amor verdadeiro significa lutar para transformar essa sociedade iníqua, que permite morrerem criaturas humanas à fome. Ora isto é ação política (SHAULL, 1953, 82).*

Acreditamos que a obra de Richard Shaull mostra uma significativa mudança nas relações entre igreja e sociedade tal como se concebia até então. Sua peculiar atenção à educação teológica, aos jovens e ao ecumenismo reflete isso com imensa clareza, bem como a ampliação de suas concepções originárias e o avanço das mesmas com o decorrer do tempo e das configurações históricas. Com efeito, torna-se praticamente impossível falar do protestantismo brasileiro dos anos 50 e 60 e não mencionar o seu nome. O confronto da sua visão com a visão majoritária do campo conservador e fundamentalista da Igreja Presbiteriana do Brasil espelha um contexto muito mais amplo, onde se encontravam inseridos tanto o Brasil como o mundo.

Seu trabalho tem grande impacto no movimento de juventude da Igreja Presbiteriana, no meio teológico e também no nascente movimento ecumênico brasileiro. Sua atuação como professor e sua apresentação de temas teológicos contemporâneos terminam por desafiar toda uma geração acostumada com a mesmice dogmática. Contudo, ocorre dentro da própria Igreja Presbiteriana, uma reação conservadora aos ventos de mudança propostos<sup>11</sup>. Por isso, em 1964, Shaull deixa o Brasil e retorna para os Estados Unidos. Em 1978, já aposentado do Seminário de Princeton, faz diversos intercâmbios na América Latina e colabora efetivamente com o Seminário Bíblico da Costa Rica e o então nascente Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI). Depois, já na década de 90, retorna ao Brasil para apresentar seu livro *A Reforma Protestante e a Teologia da Libertação*, mostrando vivo entusiasmo com o movimento pentecostal na América Latina, compreendendo-o como algo com um potencial revolucionário a ser ainda explorado<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> Tal processo, do fechamento da Igreja Presbiteriana nesse período é relatado detalhadamente pelo teólogo presbiteriano João Dias de Araújo na obra *Inquisição sem fogueiras*.

<sup>A</sup>ARAÚJO, João Dias. 1982. *Inquisição sem fogueiras: vinte anos de história da Igreja Presbiteriana do Brasil*. ISER: Rio de Janeiro.

<sup>12</sup> Por uma delimitação temática, não abordaremos aqui o tema, mas o mesmo pode ser melhor observado em: CÉSAR, Waldo e SHAULL, Richard. 1999. *O Pentecostalismo e o futuro das igrejas cristãs: promessas e desafios*. Vozes: Petrópolis. SHAULL, Richard. 1993. *A Reforma Protestante e a Teologia da Libertação*. Pendão Real: São Paulo.

Os golpes, tanto os políticos como os eclesiásticos, se fizeram sentir e, segundo avaliamos, ainda hoje moldam a consciência de boa parte dos protestantes brasileiros e, nesse sentido, relembrar a obra de Shaull talvez não seja somente um ajuste de contas com o passado, mas uma abertura para o futuro.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, João Dias. 1982. *Inquisição sem fogueiras: vinte anos de história da Igreja Presbiteriana do Brasil*. ISER: Rio de Janeiro.

FARIA, Eduardo Galasso de. 2002. *Fé e compromisso: Richard Shaull e a teologia no Brasil*. Aste: São Paulo.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. In *REVISTA USP*, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro 2005.

POLETTI, Ivo (org.). 2003. *Frei Mateus da Rocha um homem apaixonado pelo absoluto*. Loyola: São Paulo.

SHAULL, Richard. 1962. *Alternativa ao desespero*. Imprensa Metodista: São Paulo.

\_\_\_\_\_. 1985. *De dentro do furacão*. CEDI: São Paulo.

\_\_\_\_\_. 1968. *Reação e mudança*. Paz e Terra: São Paulo.

\_\_\_\_\_. 1993. *A Reforma Protestante e a Teologia da Libertação*. Pendão Real: São Paulo.

\_\_\_\_\_. 2003. *Surpreendido pela graça*. Record: Rio de Janeiro.

SINNER, Rudolf Von; WOLFF, Elias e BOCK, Carlos Gilberto. 2006. *Vidas Ecumênicas*. Editora Sinodal: São Leopoldo.

*Recebido em 12/11/2012*  
*Aprovado em 18/12/2012*